

Adentramos, agora, outras imagens tal como fizemos nas de Glayson e HÉlvio, a partir das pessoas que humanizam tais espaços. Neste caminhar, na tela de Geraldo Queiroz deparamos com a representação de um sacerdote frente à porta da igreja com um livro às mãos. Em posição frontal, esta figura nos dá a impressão de que sua voz ressoa por todo o ambiente que o rodeia. Impressiona a escuta, o silêncio dos fiéis, a voz do cura, a cantilena dos carros de bois e os passos dos fieis retardatários sobre a areia do caminho.



Fotografia 1 – Detalhe E



Fotografia 1 – Detalhe F



Fotografia 1 – Detalhe G



Fotografia 1 – Detalhe H

Os homens e mulheres que participam da eucaristia da missa são pintados frente ao padre e, em sua maioria, apresentados de perfil. A variação cromática de suas roupas são mínimas. Predomina o branco para as camisas e vestidos das senhoras, apenas destacando-se duas com vestidos em cores azuladas como também alguns homens trajando calças masculinas em azul, outros em tons cinza e muito poucos em tons bege³⁷¹.

³⁷¹ “Diante do azul a lógica do pensamento consciente cede lugar à fantasia e aos sonhos que emergem dos abismos mais profundos de nosso mundo interior, abrindo as portas do inconsciente e pré-consciente. [...] Do ponto de vista físico o branco é a soma das cores; psicologicamente, é a ausência delas. O branco é sempre o ponto extremo em qualquer escala: partindo da luminosidade em direção às trevas, ele é o ponto inicial; das trevas em direção à luz, é o término.” (PEDROSA, Ismael. *Da cor à cor inexistente*. Belo Horizonte: AGGS Industrias gráficas, 1976, p. 114 - 117)

A maioria dos personagens masculinos encontra-se em posição de reverenciamento, ajoelhados, enquanto outros homens e mulheres assistem a cerimônia em pé. Do lado de fora dos muros do átrio da igreja, temos um sinuoso caminho de terra por onde encontram-se seis pessoas, sendo que três adultos masculinos, uma mulher com uma criança ao colo e uma outra criança maior, todos indo ao encontro dos outros fiéis. Ao alto do lado direito, alguns animais pastando e alguns carros de bois.

No trabalho de Geraldo Queiroz, percebemos que o artista simplifica a forma e pouco suaviza as cores. Estas não se apresentam com os recursos utilizados por Glayson e Hélivio – simplificação e suavização da linha e da cor -. As pinceladas do artista conservam-se tensas e intensas e ele consegue a impressão de profundidade por meio da configuração em perspectiva de seu desenho, principalmente a inclinação dos muros do átrio e do telhado da capela.



Fotografia 1 – Realce 2

Enquanto no trabalho de Hélivio (fotografia 3) um casal se destaca ao nosso primeiro olhar, no de Geraldo são as pessoas que chegam pelo caminho de terra. Nestas, estão presentes particularidades que as diferenciam das outras que já se encontram participando do ritual. Apesar de estarem pintadas principalmente em azul e branco, cores que predominam nos outros personagens representados, percebemos, por suas vestes, uma diferenciação nesta composição. Para nós, estas pessoas separadas dos outros representariam a classe social mais abastada já que ainda se encontram de chapéu à cabeça, roupas de tonalidades mais intensas e o vestido da senhora que carrega uma criança aos braços destaca-se pela tonalidade azul e aparência mais elaborada do das outras mulheres presentes na cerimônia.



Fotografia 1 – Detalhe I

Como nas imagens anteriores, *Primeira Missa* também se compõe de elementos que nos levam a refletir sobre este tempo representado. Tanto que as ações em pé e ajoelhado nos dizem da fé e da confiança deste povo num futuro melhor, a partir da inauguração da pequena capela, configurando o campo ainda verdejante em futura cidade. Ao mesmo tempo, também temos a presença de pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, ou seja, os que se encontram compartilhando do ritual estariam representando os primeiros trabalhadores da cidade, já que participam desde o início do momento eucarístico.

Enquanto que, ainda por chegar, aqueles que representam a minoria, os mais abastados, que chamam a atenção por seu tempo ainda por vir, pela postura em pé, caminhando do interior para o exterior da imagem e estes, assim como o padre os únicos representados frontalmente. O que Geraldo nos diz com estas particularidades é que a desigualdade social, o domínio do clero e dos fazendeiros esteve presente desde o início da configuração do Arraial até a de cidade.

Sobre o histórico domínio do clero e a respectiva subjugação do indivíduo a este, recuperamos uma reportagem datada de 1908, na qual podemos perceber o quão importa para esta sociedade a submissão aos preceitos da fé católica para serem felizes unidos e moralizados.

Desde os tempos coloniaes que o largo da Igreja, representa para o povo, o coração do povoado e era antigamente para onde convergiam maior somma de esforços, onde a collectividade, ricos e pobres, grandes e pequenos, empregavam conjunctamente a sua actividade, para apresentarem ás vistas dos crentes e dos forasteiros, um templo magestoso, digno e asseado. A Igreja era o ponto de reunião de todas as famílias, onde todas as classes sociaes se igualavam, para em fervorosas preces, implorarem ao Creador a proteção divina.

E naquelle tempo a sociedade vivia mais unida, e na simplicidade dos seus costumes, da firmeza de sua fé, na constancia de suas crenças na doutrina e

mandamentos do Divino Mestre, era mais feliz, mais tolerante e mais moralizada.

As idéias modernas e sobretudo a ambição e conquista das riquezas, nesta luta constante pela vida, neste evoluir sem fim, tem distraído o povo de seus deveres para com Deus.

A civilização moderna parece querer expulsar da sociedade, o conhecimento de Deus, tornando a neste ponto, equiparada aos brutos.

Não podemos admitir um povo sem crenças, uma família sem religião, uma sociedade sem moral³⁷².

Para Hélivio, a cidade traz a doçura e os folguedos do domingo. Para Glayson, o ritmo dos tambores. Em Geraldo, a fé estimula e sustenta a construção de um novo lugar somado à esperança de igualdade de um povo enquanto que, para Ido, a cidade é bucólica e silenciosa. A imagem que este último artista nos apresenta configura-se em uma cidade esteticamente registrada como em uma fotografia urbana, como se o fotógrafo tivesse escolhido um dia de menor fluxo de transeuntes para retratar a arquitetura que desenha as ruas, as esquinas e as praças sem a interferência imagética do homem que a habita.

Na sua imagem, Ido conta, de forma simples, o cotidiano da cidade de Uberlândia, entre as décadas de 1930 e 1940, utilizando como representação estética elementos sutis e mínimos, mas que permitem ao leitor de sua pintura o desnudamento da imagem por meio de alguns signos pictóricos. Como por exemplo, as casas comerciais representadas pelo artista, no entorno da Matriz que apesar de estarem com as portas fechadas nos dizem de uma cidade em constante crescimento, que incorporou, na sua dinâmica urbana, os elementos sócio/culturais/comerciais inerentes às tantas outras cidades que também foram se modernizando no transcorrer dos anos.

Neste espaço, não só casas comerciais como também as de moradia com sua estética de quatro águas e sua fachada com poucas portas e número maior de janelas, diferenciam-se das anteriores. Os números de portas superam às de janelas, nos dizendo que a arquitetura das casas de habitação e comércios dos homens e mulheres desta cidade acompanhou os elementos arquitetônicos que, ao longo dos anos, foram se modernizando durante as diferentes temporalidades vividas em suas contemporaneidades.

A árvore à esquerda, signo representante do espaço da praça e do jardim frente à Matriz, nos fala que as relações de sociabilidade e de entretenimento também dinamizam o cotidiano do uberlandense inerente a este período vivido. A porta da igreja entreaberta fala-nos sobre a relação dinâmica e permeável entre o clero e esta sociedade. Na sequência, o relógio no alto da torre nos diz que os homens e as mulheres desta cidade há muito estão,

³⁷² IGREJA Matriz. *O Progresso*. Uberabinha, Uberabinha, 26 abr. 1908, a. I, n. 32.